



SANCTUM, Flavio. (Flavio Santos da Conceição) Pensamento Sensível e Pensamento Simbólico – Uma Concepção Boalina da Arte. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro – UniRio; PPGAC; Doutorado; Zeca Ligiéro. Bolsa CAPES. Professor de Artes Cênicas da FAETEC-RJ e Curinga do Centro de Teatro do Oprimido.

RESUMO:

A metodologia do Teatro do Oprimido teve sua complementação teórica registrada no último livro de seu criador Augusto Boal, *A Estética do Oprimido* (2009), que apresenta o conceito de Pensamento Sensível e Pensamento Simbólico. Para Boal a partir da junção desses dois pensamentos o oprimido deve se apropriar da criação artística, para, a partir daí, representar a realidade opressiva e transformá-la. Esse artigo busca explicar sobre esses dois tipos de pensamentos propostos por Boal e associá-los ao conceito de Hegemonia Cultural de Antônio Gramsci.

PALAVRAS-CHAVE: Estética: Teatro do Oprimido: Augusto Boal: Hegemonia

ABSTRACT:

The methodology of the Theatre of the Oppressed had its complement theoretical registered in the last book of his creator Augusto Boal, *The Aesthetics of the Oppressed* (2009), which introduces the concept of Symbolic and Sensitive Thinking. For Boal from the conjunction of these two thought the oppressed need appropriate of the artistic creation, for, from there, to represent the oppressive reality and transform it. This article seeks to explain about these kinds of thoughts offered by Boal and link them to the concept of Cultural Hegemony by Antônio Gramsci.

KEY-WORDS: Aesthetics: Theatre of the Oppressed: Augusto Boal: Hegemony

O dramaturgo e teatrólogo Augusto Boal explicita em sua última obra, *A Estética do Oprimido* (2009), por quais razões as classes oprimidas devem, a partir da prática artística, expressar seu ponto de vista sobre a realidade. Para ele, somente a fruição da arte por parte das camadas populares não basta para que a revolução na sociedade capitalista ocorra. O povo, oprimido, deve criar arte e, a partir do processo estético, despertar sua sensibilidade. Assim, poderá descobrir diversos meios para modificar a realidade opressiva.

Partindo do pressuposto de que todo ser humano tem duas formas de expressão do pensamento: o Pensamento Sensível, responsável pelas emoções e sentimentos; e o Pensamento Simbólico, responsável pela comunicação racional, simbolizada pelas palavras; Boal propõe a democratização da produção cultural como estratégia política.

Para ele, desde gerados somos estimulados a perceber o mundo de forma sensível, através de nossas sensações e emoções. Uma criança, que ainda não consegue falar, comunica-se através das percepções que tem do mundo e das que transmite. O primeiro contato de um bebê é com sua mãe, ainda no útero. Nesse pequeno espaço interno, o neném sente a maioria das sensações que sua mãe lhe transmite. Medos, tristezas, alegrias, frustrações, vícios, amor, tudo pode ser percebido pelo pequeno ser, mesmo antes de sua chegada ao mundo. E a comunicação sensorial já tem início desde esse princípio. Após o nascimento – e como diz Boal (2009): “a Estética nasce com o bebê.” (p. 58) – ele se comunica através do toque, do cheiro, do olhar. Mesmo sem utilização do símbolo, essa comunicação pode ocorrer de forma eficaz. Indo além, as crianças podem criar uma série de formas comunicativas para chamar a atenção dos pais: o choro de manha, por exemplo, é completamente diferente do choro de fome ou de dor. E a criança sabe, mesmo inconscientemente, falsear um choro para adquirir algo que deseja. Essa comunicação Boal chama de sensível.

Para entender a diferenciação que Boal faz entre esses dois pensamentos e a potência que ele vê na arte, é importante definirmos o conceito que o autor faz da palavra Estética. Para Boal, a Estética não está relacionada somente ao belo, mas sim a comunicação sensorial. Por isso, quando houver referência a Estética nesse artigo, remeto-me a leitura proposta por Boal – comunicação através dos sentidos.

A Estética não é a ciência do Belo, como se costuma dizer, mas sim a ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade. É a organização sensível do caos em que vivemos, solitários e gregários, tentando construir uma sociedade menos antropofágica. (Boal, 2009, p.31).

Voltando a pensar nas crianças, talvez por conta dessa sensibilidade, as bem pequenas possam exercer melhor sua criatividade. Se tivermos sorte ela ainda estará livre de preconceitos ou pré-determinações. Ao darmos pincel e tinta a criança pinta, na areia da praia faz esculturas, ainda sem preocupar-se com formas ou classificações. Ela brinca, e não ter o título de artista não a impede de criar.

Porém, com a velocidade em que nossa sociedade se modifica e nos exige a especialização, cada vez mais rápido nos afastamos dessa primeira sensação que a arte pode produzir em nós, enquanto seres humanos. Essa liberdade de criação é massacrada por slogans e mensagens imperativas como: Compre! Vá! Coma! Beba! Use! Abuse! De acordo com que vamos tendo contato com diferentes setores da sociedade, vamos sofrendo essa influência estética, cultural. A utilização do nosso pensamento sensível vai sendo minimizada e passamos a crer no que está dito, escrito. Boal conceitua o processo de atrofia do pensamento sensível como a *Invasão dos Cérebros*.

Sem exageros catastrofistas, estamos mergulhados na Grande Guerra Mundial da Desinformação, insidiosa e sub-reptícia. O objetivo claro dessa nova modalidade de guerra é o domínio, não de territórios geográficos, mas de cérebros. (Boal, 2009, p.153)

O filósofo italiano, Antônio Gramsci, já nos indica como o processo de dominação cultural se dá a partir do convencimento e do consenso que as classes dominantes estabelecem sobre a classe popular, oprimida. Esse consentimento é mediado através do que ele chama de Sociedade Civil, como a Igreja, a Escola, os Partidos Políticos e obviamente a Mídia. Gramsci conceitua esse consenso como Hegemonia, onde culturalmente a classe subalterna se incorpora às propostas da classe dominante, como se estivessem participando dessa escolha. E principalmente, como se essa escolha fosse natural.

É na sociedade civil, compreendida como o conjunto dos aparelhos privados de hegemonia – mídia, escola, Igreja, partidos, sindicatos, instituições culturais (museus, nomes de rua, etc.) –, que se legitima (ou se contesta) a dominação. É nessa esfera – o médium próprio da cultura – que atuam os intelectuais na construção e difusão de mundo dos grupos que representam. É lá que as classes dominantes criam, junto à massa da população, o nível culturais e moral que corresponde às necessidades de desenvolvimento das forças produtivas (Gramsci, 1999, v.3). E é lá também que as camadas subalternas elaboram “o seu modo de conceber o mundo e a vida em contraste com a sociedade oficial” (Gramsci, 1986,p.190) (apud: Coutinho, 2009, p. 47)

A partir desse procedimento de alienação cultural, nosso Pensamento Sensível vai sendo adormecido e nos apoiamos em premissas baseadas no pensamento simbólico, nas palavras, no racional. Já não conjugamos os dois pensamentos e somente obedecemos às ordens ditadas pelos meios de comunicação. A classe oprimida não vê representatividade nas obras artísticas que circulam nos grandes centros culturais e as propostas que emergem dessas classes são engolidas pela indústria cultural. Nesse aspecto tudo se transforma em mercadoria.

Boal sugere que essa dominação sensorial se opera através de três vertentes artísticas: Palavra, Imagem e Som. Somente quando o oprimido utilizar esses elementos a seu favor, criando suas músicas, escrevendo suas poesias, elaborando imagetivamente sua realidade poderá enfrentar essa guerra dos sentidos. Quando o oprimido produzir sua arte, representando sua realidade opressiva, colocará seu ponto de vista dos acontecimentos históricos e com isso poderá influenciar toda sua classe. Será a revolução cultural, como diz o autor.

Uma Estética democrática, ao tornar seus participantes capazes de produzir suas obras, vai ajudá-los a expelir os produtos pseudoculturais que são obrigados a tragar no dia-a-dia dos meios de comunicação, propriedade dos opressores. Democracia estética contra a monarquia da arte. (Boal, 2009, p. 167).

O que Boal propõe com suas práticas é a exercitação do Pensamento Sensível para a libertação dos oprimidos. A volta a conjugação dos dois pensamentos para o enriquecimento da comunicação sensitiva das classes subordinadas. Através de jogos corporais, exercícios teatrais, a utilização das artes plásticas, da pintura, da escultura, da música, da dança, os grupos de oprimidos podem entrar em contato com a experiência de produzir arte para refletirem sobre a realidade que estão inseridos. Mas, para Boal, não basta somente a constatação da realidade, com todas suas mazelas. O teatrólogo sugere que o oprimido, a partir dessa percepção sensível, possa encontrar estratégias para transformar essa mesma realidade. A obra seria um *médium*, onde o oprimido pode se observar, analisar seus atos, sua vivência, seu processo histórico e, a partir do que viu, encontrar alternativas de modificação. E mesmo não chegando a um produto artístico, a experimentação estética desse grupo já oferecerá elementos necessários para que a reflexão e, a partir dela, a transformação da realidade sejam possíveis.

Na prática, atividades como o Teatro Invisível, o Teatro-Jornal, o Teatro-Fórum ou o Teatro Legislativo mostram como a arte, numa concepção boalina, pode ser utilizada enquanto instrumento contra-hegemônico, desmistificador e de transformação individual e coletiva. Seria a arte como instrumento para a transformação da realidade a partir da ideologia das classes populares.

Referências Bibliográficas:

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

COUTINHO, Eduardo Granja. Gramsci: a comunicação como política. In: COUTINHO, Eduardo Granja; FILHO, João Freire e Paiva, Raquel (orgs.). **Mídia e Poder: Ideologia, Discurso e Subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

SANCTUM, Flavio. **A Estética de Boal**. Odisséia Pelos Sentidos. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.